

DESLOCAMENTOS NA
METODOLOGIA DOS USOS
SOCIAIS PARA O ESTUDO
DE MEIOS LIVRES E
COMUNITÁRIOS:
O CASO DA PESQUISA
SOBRE A RÁDIO
MEXICANA FRECUENCIA
LIBRE

[ARTIGO]

Ismar Capistrano Costa Filho
Ângela Cristina Salgueiro Marques

[RESUMO ABSTRACT]

Este artigo apresenta os deslocamentos realizados para aplicar a proposta teórico-metodológica dos usos sociais dos meios de Jesus Martín-Barbero no estudo da Frecuencia Libre, rádio livre da cidade de San Cristóbal de Las Casas, em Chiapas, México, do coletivo homônimo aderente ao movimento zapatista. As lógicas de mercado foram ampliadas para lógicas de produção a fim de dar conta das subversões ao sistema legal de radiodifusão e das resistências ao modelo comercial da emissora investigada. Os formatos industriais foram deslocados para formatos dos meios para analisar as rupturas ao padrão tradicional de rádio. Para compreender as matrizes culturais, o método dos endereçamentos, proposto por John Hartley, foi utilizado e os sentidos culturais dos mundos possíveis de Jesus Galindo Cáceres possibilitou entender as competências da recepção.

Palavras-chaves: : Usos sociais dos meios. Rádio livre. Rádio comunitária. Zapatismo, Frecuencia Libre.

This article presents the dislocation to apply in the methodology of the social uses of the media of Jesus Martin-Barbero in the study of Frecuencia Libre, free radio station in the city of San Cristobal de Las Casas, Chiapas, Mexico, belonging of namesake collective, adherents to Zapatista movement. The market logic were extended to the production logic because of the subversions to legal broadcasting system and resistance to business model in this station. Industrial formats were moved to media formats to analyze disruptions to traditional radio standard. To understand the cultural matrixes, the method of addressing, proposed by John Hartley, was used and the cultural sense of possible worlds by Jesus Galindo Cáceres possible to understand the reception competence.

Keywords: Social uses of the media. Free radio. Community radio. Zapatismo. Frecuencia Libre.

INTRODUÇÃO

O modelo teórico-metodológico dos usos sociais de Martín-Barbero (1998) propõe uma análise que desloca o estudo dos meios para a análise da comunicação como prática cultural.

Para isso, articula matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e competência de recepção a fim de compreender as institucionalidades, tecnicidades, ritualidades e socialidades dos meios. Na minha tese de doutorado “Usos sociais das rádios zapatistas¹: o mapa noturno da autonomia nas mediações comunicativas da cultura” (COSTA FILHO, 2016), para dar conta de emissoras livres e comunitárias, em região de conflito armado, foi necessário ampliar os operadores conceituais lógicas de produção para lógicas de resistência e de formatos industriais para formatos dos meios e definir as competências de recepção nos sentidos culturais dos mundos possíveis. Esta construção metodológica, a partir do campo, não só atualiza a proposta de Martín-Barbero (1998), como adapta o modelo para os estudos de meios não comerciais. Este artigo possui o objetivo de apresentar a trajetória desta construção metodológica, definindo inicialmente os meios livres e comunitários para em seguida apresentar as emissoras pesquisadas, os métodos e estes deslocamentos mencionados.

[1] Por rádios zapatistas, compreendo emissoras pertencentes, aderentes ou que dedicam programas para dar voz a este movimento que teve sua primeira aparição pública em 1º de janeiro de 1994 quando o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) ocupou sete municípios do Estado de Chiapas e declarou de guerra contra o Exército Mexicano. A organização formada por indígenas descendentes de mayas e omelcas e estudantes e professores

1. RECORTES E PROBLEMAS

Meios livres e comunitários são, conforme John Downing (2001), Cicilia Peruzzo (2007) e Raquel Paiva (2007), caracterizados por, ao menos, três rupturas com o modelo de comunicação comercial predominante. A primeira se encontra na sustentabilidade e legalidade. São emissoras de rádio, vídeos, impressos e páginas e publicações na internet que, diferente dos meios comerciais, não buscam lucratividade nem priorizam a obter reconhecimento legal. A segunda ruptura está na organização de propriedade coletiva, que busca desenvolver processos de gestão e produção participativa e horizontal. A comunicação comunitária se caracteriza por imergir da organização de grupos com um projeto em comum, laços de pertencimento, frequência de encontros e instrumentos de mobilização e comunicação. A terceira se localiza no

universitários sobreviventes do massacre de Tlatelolco de 1968 exigiram, através da 1ª Declaração da Selva Lacandona, terra, liberdade, justiça, igualdade, educação, saúde, democracia, moradia, alimentação, independência e paz. Dado a pressões internacionais e mobilizações da sociedade civil de todo o México, o Governo fez, em 1995, um cessar-fogo unilateral e as negociações foram coordenadas pela Comissão Nacional de Intermediação (Conai) do Congresso Nacional e da Comissão de Pacificação e Concórdia (Copaco) que deram origem ao Acordo de Paz de San Andrés, descumprido pelo Governo, com a aprovação do Estatuto Nacional Indígena que contraria as disposições de autonomia das comunidades indígenas pactadas no Acordo. O movimento atualmente organiza-se em comunidades que ocupam cerca 70 mil hectares do território chiapaneco e possuem seu próprio sistema justiça, de educação, de saúde, de comunicação e de governo, baseado nas decisões de assembleias locais, articuladas regionalmente nas Juntas de Bom Governo, sediadas em cinco departamentos territoriais chamados de Caracóis.

conteúdo produzido que possibilita romper com padrões predominantes nas produções dos conglomerados dando voz aos excluídos destes.

A proposta teórico-metodológica de Martín-Barbero (1998) se adéqua ao estudo deste fenômeno não só porque olha para as contradições latino-americanas marcantes na organização destes meios, mas porque orienta o deslocamento do estudo dos meios para a comunicação, compreendida como mediações de práticas culturais. Não importa somente o estudo da emissão-meio-recepção, mas todo o contexto que envolve este processo, como matrizes culturais, formatos, temporalidades, apropriações, reconfigurações, formatos, gêneros, instituições e sentidos. Como lembra Guillermo Orozco (1996), assistir TV começa antes de ligar e termina depois de desligar o aparelho. Assim, é necessário analisar todo o trânsito dos significados e textos nos diversos lugares, tempos e sujeitos envolvidos.

Por isso, minha pesquisa de doutorado sobre as rádios zapatistas, emissoras excluídas do sistema legal e comercial de radiodifusão mexicano, elegeu esta proposta para guiar o estudo. Esta investigação iniciada em março de 2012 e concluída em janeiro de 2016 contou com quatro imersões a campo, no Estado de Chiapas, sudoeste mexicano em julho de 2013, janeiro e julho de 2014 e julho a dezembro de 2015. Nestas oportunidades, não só os dados foram colhidos como os métodos escolhidos com a finalidade compreender: quais os usos das emissoras zapatistas na construção da autonomia? Como as comunidades e coletivos configuram estes meios? Quais formatos e temporalidades destas emissoras? Como os receptores se

apropriam destas rádios?

A pesquisa recortou em duas emissoras: a *Radio Rebelde* e a *Frecuencia Libre*. A primeira pertence às comunidades zapatistas do Caracol Resistência e Rebelia pela Humanidade, transmitindo desde 2004, na localidade de Oventic, cerca de 40 km de San Cristóbal de Las Casas, base desta investigação. Já a segunda pertence ao coletivo homônimo, formado por representantes de ONGs, coletivos e militantes políticos e culturais, transmitindo desde 2002 na cidade de San Cristóbal de Las Casas. A escolha destas duas emissoras se deu por três motivos: ser sintonizada na base da pesquisa, localizar ouvintes disponíveis para entrevista e possuir conteúdo sobre o zapatismo na programação. Este artigo recorta, por limitações de espaço, somente parte análise da segunda estação, que inclui sua trajetória, suas lógicas de resistência, os endereçamentos de alguns programas e os sentidos culturais de alguns ouvintes. ■

2. MÉTODOS NOS USOS SOCIAIS

Os métodos articulados para realizar esta pesquisa foram escolhidos a partir da necessidade de campo. A pesquisa bibliográfica não só buscou referências para compreender o fenômeno zapatista e a luta por autonomia (CECEÑA et al, 2011; DEE HER, 2005; CASANOVA, 2001; GENARI, 2002), a política agonística (MOUFFE, 1990; LACLAU, 2004; CASTORIADIS, 2006) e o rádio livre e comunitário (MACHADO et al, 1987; DOWNING, 2001; PERUZZO, 2004; PAIVA, 2007; OLIVEIRA, 2007), mas também possibilitou uma arqueologia da teoria dos usos sociais, encontrando as definições de matrizes culturais (SUNKEL,

1987), temporalidades sociais (LE GOFF, 1992; NUNES, 1993), *sensorium* (ONG, 1993; BENJAMIN, 1994), formas culturais (WILLIAMS, 2009), apropriações (DE CERTEAU, 1994; DRUETTA, 2013) e sentidos da recepção (GALINDO CÁCERES, 1997) e aplicação da metodologia em outras pesquisas (RONSINI, 2012; JACKS, 2008 e 2014; JONH, 2014). Muitas informações necessárias para ampliar a compreensão dos objetos investigados necessitaram também de pesquisa em documentos como manuais da Amarc e do Centro de Medios Libres e páginas na Internet de movimentos sociais (Promedios, Rádio Insurgente, Koman Illel, Enlace Zapatista) e notícias de periódicos como *La Jornada* e *Proceso* que priorizam a cobertura destes fatos.

A etnografia foi outra aposta desta pesquisa, pois ao olhar as práticas culturais no entorno e dentro das rádios zapatistas, era necessário uma observação atenta e uma descrição profunda destes contextos. Entretanto, como a pesquisa não visa especificamente a compreensão das culturas dos receptores e produtores destas emissoras - nem possuía competência para tal -, desloquei o olhar para exploração de inspiração etnográfica (BARROS, 2008; OLIVEIRA, 2014) com a finalidade de compreender alguns elementos do contexto sociocultural a partir de uma visão de alteridade, na qual fossem enxergados não só estruturas e regularidades, mas a diversidade dissonante dos comportamentos, costumes e vivências.

Este tipo de exploração também guiou não só a observação de cada detalhe vivenciado como a apreensão em diário de campo que alargou as possibilidades da memória destas experiências. As entrevistas também ganharam esta inspiração etnográfica,

buscando compreender as relações de intersubjetividades que formam e transformam as culturas. Desta maneira, o diálogo entre pesquisador e entrevistados foi aberto com poucas questões preestabelecidas priorizando escutar os significados e as versões construídas pelos ouvintes e produtores das emissoras e pelos militantes políticos e intelectuais. As entrevistas aconteceram em quatro etapas. Na primeira imersão, em julho de 2013, foram entrevistados os militantes e intelectuais da região para contextualizar o fenômeno investigado. Na segunda, em janeiro de 2014, conversei com ouvintes na comunidade autônoma San Isidro de La Libertad para compreender seus sentidos e apropriações da emissora. Já os receptores da cidade de San Cristóbal de Las Casas foram entrevistados com este mesmo fim em julho de 2014, e os produtores da *Frecuencia Libre* em julho e agosto de 2015 contaram o processo de elaboração e transmissão de seus programas, seu histórico com meios livres e suas relações políticas nos coletivos da emissora e em outros movimentos. Conversei também sobre a história da vida dos ouvintes a fim de conectar a escuta do rádio a suas trajetórias pessoais na comunidade. Não cheguei a construir uma história oral de vida porque não era o objetivo da pesquisa, mas obtive relatos da história de vida que possibilitaram a compreensão dos sentidos da audiência.

A inspiração etnográfica também afetou a análise da programação das emissoras. Escutei a *Frecuencia Libre* em julho e agosto de 2015. Esta escuta, sempre que possível era gravada e descrita no diário de campo para selecionar as emissões com conteúdos diversos e marcantes que pudessem ser transcritos e utilizados mais detalhadamente na análise que foi baseada nos endereçamentos (GOMES, 2005; ELLSWORTH, 2001; MORLEY, 1990; MARQUES&ROCHA,

2006; NATANSCHN, 2006; BERKIN, 2000; HARTLEY, 2000) da rádio para salientar a impossibilidade de desassociar o processo de emissão-recepção. Assim, os conteúdos da emissora são percebidos a partir de suas interpelações para a audiência, incluindo, conforme propõe o método Hartley (2000), ainda os mediadores (locutores, comentaristas, repórteres...), temática (assuntos abordados), papel social (expectativa criada junto à audiência), recursos técnicos (efeitos sonoros, trilhas, vinhetas, blocos e intervalos), linguagem radiofônica (oralidade), texto verbal (interpelações diretas à audiência).■

3. DAS LÓGICAS DE PRODUÇÃO PARA LÓGICAS RESISTÊNCIAS

Martín-Barbero (1998) define as lógicas de produção, de acordo com Nilda Jacks (2008, p. 35), em “(...) duas ordens contrapostas: o regime estatal, que concebe os meios como serviço público, e o regime de mercado, que converte a liberdade de expressão em comércio”. Conforme Veneza Ronsini (2012), neste aspecto deve-se considerar também as questões da mundialização da cultura e da crise das instituições. Assim, se faz necessário colocar nesta relação entre privado e público a internacionalização da economia que enfraquece não só as fronteiras e os mercados locais, mas também o poder estatal por sua carência de legitimidade, seja o enfraquecimento de sua atuação social seja por sua submissão a interesses

econômicos empresariais. Para olhar a realidade da *Frecuencia Libre*, transformei o conceito de “lógicas de produção” para “lógicas de resistência”, a fim de dar conta das contradições sociais, marginalizações e subversões a este mercado e à política de regulamentação, gestados não só pela exclusão social dos povos originários e pobres da região, mas também pelas organizações e lutas por transformações sociais. No caso específico da rádio pesquisada, como emissora não autorizada pelo poder estatal, analiso ainda as tensões entre a oposição e a perseguição, o voluntariado e a sustentabilidade, a autonomia e a política governamental e os conceitos e as práticas dos meios livres e comunitários. A partir de um olhar histórico-estrutural proposta por Enrique Ruiz (2000), resgatei a trajetória da estação, buscando não só os elementos políticos, culturais, econômicos e sociais, mas as contradições, brechas e fissuras dessa história.

A história da *Frecuencia Libre* revela que a emissora começou, em março de 2002, como um projeto de um grupo que, por vários motivos, entre estes comerciais, queriam implantar a primeira rádio FM em San Cristóbal de Las Casas. A apresentação, segundo Leonardo Toledo, jornalista e produtor do programa “Debate Cultural”, foi através de um ato público na Praça da Catedral e folhetos e cartazes foram distribuídos pela cidade. “O que causou um grande frisson, pois era a primeira FM do município”². Os fundadores, no entanto, não produziam os programas, que foram distribuídos para diferentes pessoas que faziam por diversos objetivos. Para tentar aproximar a gestão da produção, dois locutores, entre eles Gabriel Garcia entrevistado por esta pesquisa, foram convidados para fazer parte da reunião

[2] Entrevista com Leonardo Toledo concedida em 23 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

dos mantenedores que logo tiveram seu primeiro dissenso sobre a veiculação ou não de propagandas na emissora. Na falta de um acordo, um dos fundadores, conhecido como *Pájaro Loco*, que tinha feito o transmissor quis sair da emissora e levar o aparelho consigo. Então veio a primeira decisão de independência da rádio: o grupo comprou o transmissor, através de cotização entre fundadores, locutores e rifas com os ouvintes.

Não passaram nem quatro meses, para chegar a fiscalização da Secretaria Nacional de Comunicações e Transportes e uma demanda judicial contra a *Frecuencia Libre* por radiodifusão sem prévia autorização e por concorrência desleal. A população, convocada pelo apresentador do horário, fez uma corrente que impediu a ação de fechamento da emissora pelos agentes federais, mas o processo seguiu na Justiça. E à medida que os mantenedores eram intimados para depor, saíam da rádio até restar, antes da estação completar um ano, somente os locutores. Eles decidiram formar um coletivo no qual todos que produziam os programas e cooperavam com a manutenção podiam participar equanimemente. Quem apresenta programa e não se associa ao coletivo dá uma contribuição em trabalho ou dinheiro. O trabalho é voluntário, não há anúncios publicitários, sendo vetado o financiamento de governos ou ONGs. Toda a sustentabilidade financeira é proporcionada pela doação dos próprios produtores da emissora. Até hoje prevalece esta organização que subverte a lógica do mercado dos meios comerciais. A falta de legalização não é uma negação do Estado, mas uma decisão do coletivo de opor-se a necessidade de prévia autorização. Mesmo existindo hoje no México previsão legal para rádios de uso social³, o coletivo recusa, até o momento, solicitar a permissão

legal e resiste como uma rádio livre com uma gestão de comunitária, na qual há participação não só nas mensagens, produção (como será apresentado no item 3), mas na administração, criando laços de pertencimento em torno do projeto comum de manter a emissora no ar como independente dos poderes políticos e econômicos hegemônicos.

A fim de fugir da perseguição, durante 2 anos, a estação refugiou-se nas casas dos locutores. A itinerância trouxe três consequências. Primeiro, a rádio se aproximou dos moradores das periferias de San Cristóbal de Las Casas, onde ficou sediada, tornando-a mais popular. A segunda foi os constantes danos à aparelhagem. De acordo com Garcia, neste período, pelo menos, três transmissores foram queimados devido as improvisadas instalações. O que ocasionou longos períodos fora do ar até os membros se cotizarem e comprarem novos equipamentos. Isso levou à terceira consequência, vários locutores desistiram de seus programas pela irregularidade da transmissão, tornando a programação mutante e dando oportunidade para novos produtores e conteúdos.

Somente quando se abrigou num local considerado protegido das ameaças da fiscalização, no Centro Histórico de San Cristóbal de Las Casas, onde se situam várias cooperativas, escritórios

[3] Conforme a *Ley Federal de Telecomunicaciones e Radiodifusión* de julho de 2014, há quatro tipos de autorizações para transmitir os sinais radiofônicos, chamadas de outorgas: as concessões para uso comercial, para uso público (órgãos governamentais), para uso privado (experimentos, testes e comunicação direta limitada) e para uso social (entidades comunitárias e povos indígenas).

e lojas dos zapatistas e de aderentes, a rádio passou a ter uma localização fixa. Não só pela nova sede, mas também pela ativa participação de aderentes e simpatizantes do zapatismo, o coletivo se tornou aderente à Sexta Declaração da Selva Lacandona do EZLN⁴, mas a rádio não. Segundo Garcia, “a rádio é mais aberta pois podem fazer programas pessoas e grupos não aderentes”⁵. No coletivo e na programação, há principalmente dois grupos: militantes políticos aderentes ou simpatizantes do zapatismo e produtores culturais, interessados em promover uma arte alternativa ao modelo comercial das indústrias culturais.

Perceber-se que as lógicas de produção da *Frecuencia Libre* se caracterizam, ao invés de lógica de mercado, como resistências, compreendidas, segundo Martín-Barbero (2004), como experiências de reelaboração dos meios pelos oprimidos. A primeira resistência está nas táticas de existir mesmo em situações de perseguição pela falta de autorização do poder estatal, como buscar abrigo em locais protegidos, escondidos ou mudar constantemente de endereço. São saídas encontradas para conviver com estas condições. Em seguida, há uma resistência contra as ameaças, seja da guerrilha eletrônica de interferir nos canais seja do ataque, da espionagem e da sabotagem. Para isso, a emissora opta por um relativo isolamento dos grupos e pessoas desconhecidas. Ao mesmo tempo que a rádio se fecha por questões de segurança, seu conteúdo

busca irradiar uma mensagem de inclusão da diversidade.

Outra resistência localiza-se na contraposição à lógica de mercado predominante, baseada na audiência e na venda publicitária que permeia não só os espaços exclusivos, mas o próprio conteúdo editorial dos meios massivos. Ao invés de articulações com os grupos econômicos e políticos para o desenvolvimento da emissora, a *Frecuencia Libre* busca a solidariedade para sobreviver. Além do trabalho voluntário para manter-se, a rádio conta com o apoio de pessoas e coletivos, como o Centro de Mídia Independente (CMI), o Koman I’lel e o Promedios. Este último conseguiu a doação do transmissor por ativistas ingleses, que mandaram as peças do mesmo separadas, para evitar apreensão, através de um navio mercante da Europa ao México. Ainda assim, a emissora sofre constantemente com problemas técnicos e financeiros. A *Frecuencia Libre* já chegou a ficar seis meses fora do ar por defeito no transmissor em 2003 e, pelo menos, mais outras cinco vezes ao longo de sua história. A emissora nem sempre consegue iniciar sua transmissão às 9 horas porque o voluntário responsável de ligar os equipamentos, por vezes, está impossibilitado dado que necessita realizar, no horário, outras atividades remuneradas para seu sustento. Atrasos, faltas e problemas técnicos (como dificuldades em veicular uma música ou o som do telefone ou microfones) são comuns na programação das emissoras. Damaso explica a situação pelas limitações de fazer uma rádio livre sem apoio de comerciais.

Não fazemos comerciais. Não vendemos programas, não fazemos negócio. Então os companheiros que fazem seus programas de seu próprio bolso (...) quando se quebra algum equipamento passamos dois a três meses sem transmitir porque nos custa juntar do salário que temos (...). Então as pessoas que fazem a 99.1 a fazem por amor. Por

[4] Entrevista com Gabriel Garcia concedida em 19 de agosto de 2015, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

[5] Idem.

amor às pessoas, por amor do que gostam de fazer.⁶

Além das dificuldades econômicas, Noé aponta dois motivos para estas características das emissoras: a ruptura com a lógica de mercado e a sobrecarga de militância dos membros.

Não queremos ser igual a uma rádio comercial, não queremos lucrar com a rádio. Não queremos ter o mesmo formato. E outro, eu creio também que é acidental. (...) é uma combinação de não ter tanta gente que produza.(...) Todos estamos a maior parte de tempo em outros espaços. Estou a maior parte de tempo em Promedios, por exemplo, e assim cada um de nós está em diferentes em lugares.⁷

Esta situação confirma que, como defende Martín-Barbero (2004), as resistências são como terrenos de lutas e, por isso, de instabilidades sociais, algo presente na organização das emissoras e explícito nas ideias dos produtores da emissora. ■

71 O caso da pesquisa sobre a rádio mexicana Frecuencia Libre [EXTRAPRENSA]

4. DOS FORMATOS INDUSTRIAIS PARA FORMATOS DOS MEIOS

A programação da emissora reflete esses conflitos e condições de produção sem fins econômicos e baseadas no trabalho voluntário e engajado. A *Frecuencia Libre* não possui programas em todos os horários que transmite, das 9h às 22h (conforme tabela abaixo). As 26 horas semanais com locução, das 70 horas transmitidas, concentram-se principalmente no sábado e depois das 17h nos dias úteis da semana, horários considerados no rádio comercial como menos nobres, pois o público radiofônico, segundo décadas de pesquisa de audiência, escuta principalmente nas manhãs. O restante dos horários é preenchido pela difusão de músicas variadas, podendo ser alternadas por campanhas educativas ou de mobilização, promovidas por movimentos sociais. Segundo Leonardo Toledo, não há uma política editorial para as músicas e as campanhas executadas. “São canções que os movimentos e colaboradores trazem e colocamos para tocar aleatoriamente”⁸. Geralmente as músicas tocadas são rock britânico e estadunidense das décadas de 60 e 70, jazz, clássicas e tradicionais latinas, como francesas, portuguesas, argentinas e brasileiras, inclusive alguns sucessos da Música Popular Brasileira (MPB). No período observado, não foi registrada a veiculação nenhuma campanha educativa.

[6] Entrevista com Damaso Ramirez, concedida no dia 8 de agosto de 2015 em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

[7] Entrevista com Noé, concedida no dia 30 de julho de 2015 em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México.

[8] Entrevista com Leonardo Toledo concedida em 23 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

Tabela 1: Programação da Frecuencia Libre em julho de 2015.

Programación semanal Frecuencia Libre 99.1							
	Lunes	Martes	Miércoles	Jueves	Viernes	Sábado	Domingo
09:00							
10:00							
11:00						La hora sexta	
12:00			Espacios de esperanza				
13:00						Sinestesia	
14:00						Hablemos Chiapas	
15:00							
16:00							
17:00		Mujeres Ojos grandes			Planeta musical sur	Debate Cultural	Karmantra
18:00		Y en el camino nos encontramos	Hip hop			Panorama	Karmantra
19:00			Espacio 99.1	Hijas Lilith			
20:00	Fuera Máscaras	Objetos Prohibidos					
21:00						Café bohemio	
22:00							

A organização dos conteúdos da *Frecuencia Libre* diferencia das rádios comerciais tradicionais, que buscam a divisão dos horários para criar expectativa e fidelização da audiência. Na estação pesquisada, os formatos, compreendidos a partir de Martín-Barbero (2004), “como operadores de uma combinação sem conteúdo, estratégia puramente sintática”, isto é, os padrões do meio (grade, blocos, intervalos, vinhetas...), se configuram nos poucos e dispersos programas que preenchem a programação, nos horários considerados “menos nobres” pelo rádio comercial. Refletem assim as dificuldades e contradições do coletivo e da história da emissora, baseado na conquista e luta pela manutenção de espaços para os diferentes atores sociais.

Já na plástica destes formatos, percebe-se outras rupturas da emissora com o padrão comercial. Ao invés da divisão dos programas entre blocos (conteúdo principal) e intervalos (conteúdo acessório, como propaganda, chamadas, promocionais, campanhas), a emissora coloca as músicas como um intervalo entre as falas dos apresentadores, entrevistados e convidados. Não há também um padrão na utilização das vinhetas. Cada programa veicula seus sinais de identificação de forma diferenciada. Alguns como o “Debate Cultural” e o “Objetos Prohibidos” praticamente não executam. Outros como “Espacios de Esperanza” e “Hip hop” tocam constantemente. Raramente, é veiculado nos programas vinhetas de identificação da emissora. Os endereçamentos dos programas podem ser resumidos na tabela abaixo (Fonte: COSTA FILHO, 2016).

	<u>Objetos Proibidos</u>	<u>La Hora Sexta</u>	<u>Hablemos Chiapas</u>	<u>Sinestesia</u>	<u>Debate Cultural</u>	<u>Espacios de Esperanza</u>	<u>En El Camino</u>	<u>Hip Hop</u>
Media dores	Gabriel Garcia, simpaticante do <u>zapatismo</u> tendo acompanhado o movimento desde sua organização inicial na região de Las Margaridas onde trabalhava como médico.	<u>Damaso Ramirez</u> , remanescente do <u>Org. Campesina</u> , é aderente ao <u>zapatismo</u> desde o <u>leivane</u> de 1994 que acompanhou pessoalmente em <u>San Cristóbal de Las Casas</u> .	Dois apresentadores (não se identificam) membros do coletivo "Yo soy 132" de <u>Tuxtla Gutierrez</u> .	Noé, produto audiovisual, membro do Centro de <u>Mídia Independente e Promedios</u> com convidado (s).	Leonardo Toledo, jornalista e produtor artístico, com convidado.	Guadalupe Cárdenas, ativista política dos direitos das mulheres e assessora da <u>Idemaçc</u> e <u>Artur Arreola</u> , presidente desta ONG, responsável pelo programa.	<u>Claudia Serrano</u> , socióloga que realiza pesquisa de doutorado sobre a emissora, tendo participado da fundação de uma emissora comunitária na Colômbia, onde nasceu.	Dois jovens e um DJ (não se identificam), mas demonstram entender bastante deste estilo musical.
Temática	Principais notícias da semana, extraídas do jornal <u>La Jornada</u> e da revista <u>Proceso</u> e comunicados <u>zapatistas</u>	Trata principalmente de notícias de movimentos sociais de <u>San Cristóbal de Las Casas</u> e dos comunicados dos <u>zapatistas</u>	Notícias da semana, extraídas de sites de informação alternativa e comunicados dos movimentos sociais.	Cinema, audiovisual e música independentes.	Notícias da semana, principalmente relacionadas a cultura e arte e informações de movimentos de arte independente.	Apresenta quatro experiências sustentáveis de comunidades de Chiapas, Sul do México, México e América Latina.	Temas específicos, em cada programa, tratados a partir da perspectiva de literários e músicos latino-americanos.	O <u>Hip Hop</u> em <u>San Cristóbal de Las Casas</u> , México e América Latina.
Papel Social	Crítica social feita através do relato dos fatos e de questionamentos	Interpela principalmente os simpaticantes do <u>zapatismo</u> e todas as pessoas excluídas.	Visão crítica dos principais assuntos da semana repercutidos nos grandes meios e notícias dos movimentos contra-hegemônicos.	Dar visibilidade às iniciativas de audiovisual e música independente dos conglomerados editoriais	Ironizar as contradições sociais de <u>San Cristóbal, Chiapas, México</u> e, por vezes, da América Latina.	Cumprir a tarefa de apresentar experiências dos grupos que estão construindo alternativas ao patriarcado e ao neoliberalismo	Difundir a literatura e a música latino-americana fazendo uma reflexão sobre as diversidades culturais da região.	Tocar a música <u>hip hop</u> como expressão da denúncia e crítica sociais.
Recursos técnicos	Quase não utiliza trilhas ou vinhetas, sempre tocando músicas	Usa constantemente vinhetas. Sempre toca ao menos três músicas	Pouco utiliza vinhetas ou trilhas e raramente toca músicas	Quase não utiliza vinhetas, trilhas e raramente toca músicas, mas põe sempre depoimentos gravados de militantes de movimentos culturais.	Quase não utiliza vinhetas e trilhas. Raramente toca músicas	Utiliza vinhetas, trilhas, entrevista e toca quatro músicas, cada uma relacionada a cada uma das experiências relatadas.	Utiliza vinhetas, trilhas, poucas gravações dos literários e ao menos quatro músicas relacionadas ao tema do programa.	Utiliza constantemente e vinhetas e trilhas. Toca blocos de duas a três músicas.
Linguagem	Locução tem um estilo mais livre sem empostação da voz,	Utiliza um tom formal como um apresentador de um radiojornal tradicional com voz empostada.	Apresentação séria, mas informal.	Coloquial como um bate-papo com	Coloquial com um bate-papo com um convidado.	Tom um pouco formal, mas sempre buscando o diálogo mental com os ouvintes.	Locução suave e introspectiva criando um clima intimista com os ouvintes.	Bate-papo informal, repleto de gírias, entre os apresentadores
Texto verbal	Leitura de notícias, comunicados seguidos de longos comentários.	Leitura de roteiro técnico, realiza rápidos comentários improvisados e entrevista convidados de forma improvisada.	Leitura de notícias, comunicados dos movimentos sociais e longos comentários.	Apresentação e comentários, por vezes, irônicos	Apresentação e comentários predominantemente irônicos de notícias não lidas.	Leitura de roteiro técnico, comentários técnicos, tradução das entrevistas.	Leitura de roteiro técnico com raros comentários <u>espontâneos</u> .	Comentários improvisados sobre as músicas, as bandas e a história do <u>hip hop</u> .

Há assim, na *Frecuencia Libre*, um distanciamento do formato industrial caracterizado por seguir uma linha de produção serializada com padrões fixos ou customizados, voltados para a lucratividade comercial. Nesta emissora investigada, quase não há regras para o formato de apresentação dos programas, não só pela precariedade das condições de produção (falta de recursos econômicos e trabalho somente voluntariado), mas por uma contraposição à lógica de mercado das emissoras comerciais. O objetivo não é criar um padrão seriado para conquistar audiência a fim de obter lucros com a venda de propaganda, mas exercer a liberdade de expressão de cada coletivo, ONG ou pessoa que apresenta um programa e participa no projeto da emissora. Por isso, é necessário, para aplicar a metodologia dos usos sociais em meios livres e comunitários, como esta emissora, ampliar o conceito de formatos industriais para formatos dos meios. Estas características mostram um forte traço da autodisposição autônoma nos formatos da emissora. Como define Barcenas (2011), significa a deliberação do grupo de como organizar-se. Esta opção da *Frecuencia Libre* de conscientemente romper com o padrão técnico-comercial representa, por isso, marcas da autonomia em sua programação, principal reivindicação do movimento zapatista para as comunidades de povos originários. ■

5. SENTIDOS CULTURAIS DAS COMPETÊNCIAS DA RECEPÇÃO

Os ouvintes da *Frecuencia Libre* entrevistados⁹ também estão envolvidos predominantemente nas ideias de rupturas propostas pela emissora. Para compreender suas competências de recepção busquei nas entrevistas entender como a emissora se conecta com suas vivências cotidianas, memórias e imaginários, utilizando o método dos sentidos culturais de Jesus Galindo Cárceres (1998). O autor recomenda, para isso, levar em conta a diversidade de versões construídas a partir dos diferentes universos culturais. Para se deslocar até estas, alcançando a relação entre as condições históricas da trajetória, as apropriações cotidianas do sincrônico e a imprevisibilidade do imaginário, Cáceres convida a pensar em termos contrafactuais, ou seja, considerar as versões de o-que-poderia-ter-sido (HAWTORN, 1995) se tivéssemos outras variáveis que condicionassem uma configuração diversa da atual. O conceito de contrafactual possui três raízes. A primeira vem da filosofia, a partir dos estudos da lógica modal e da metafísica. “(..) em qualquer ciência, a noção de ‘causa’ que precede um efeito traz implicitamente uma indicação da possibilidade que

[9] Esta pesquisa chegou até estes ouvintes através do convite para responder a um questionário exploratório nas listas de e-mails participantes de movimentos culturais e políticos de San Cristóbal de Las Casas enviados pelos ajudantes da investigação, o jornalista Leonardo Toledo e o antropólogo Valentin Val. O questionário perguntava se era ouvinte de alguma das emissoras livres, sintonizadas na cidade, qual a frequência e preferências de escuta e dados pessoais. Em seguida, os 23 ouvintes que responderam os questionários foram convidados através do e-mail ou telefone a uma entrevista presencial. Para resguardar sua intimidade, utilizo nomes fictícios na tese e neste trabalho. Ressaltamos que esta amostragem de ouvintes não representa toda a audiência da emissora, mas também somente receptores, geralmente engajados a movimentos culturais e políticos, que conseguimos localizar.

se atualizaria (ou seja, do estado de coisas que ocorreria) caso a ‘causa’ não ocorresse” (PESSOA JR, 2000, p. 176). Significa pensar sobre o “(...) que não ocorreu, mas é perfeitamente cabível em termos lógicos, ou seja, que poderia ter acontecido” (JOHN, 2014, p. 58). Na literatura, o contrafactual se apresenta na possibilidade de levar o leitor a um outro mundo, construído a partir de suas vivências, memórias e contexto social. Tem como base a polissemia, isto é, as diversas interpretações que leitores possuem sobre um mesmo texto. Já na história, é um exercício reflexivo para pensar “o que teria ocorrido se...?”, podendo não só imaginar possíveis alternativas, mas também avaliar o peso de determinados acontecimentos para o presente.

Na perspectiva de contrafactualidade, os sentidos culturais, entendidos como a apropriação dos significados pelos receptores, são as outras possibilidades de compreender a realidade que, muitas vezes, divergem da visão do pesquisador por serem constituídas em contextos e matrizes totalmente diversos. Para aproximar-se destas, a investigação precisa considerar as diversas probabilidades de versões sobre a realidade, devido às diferentes trajetórias históricas, variados contextos socioculturais e o poder de agência dos receptores.

Neste ponto, a teoria de Galindo Cáceres articula-se às mediações comunicacionais da cultura de Martín-Barbero porque, assim como o filósofo colombiano, o pesquisador mexicano compreende a comunicação como um processo de deslocamento dos textos aos vários universos culturais em que transitam. Este caráter mutável das explicações que dependem dos contextos revela a lógica das contrafactualidades. Neste leque de possibilidades de versões

sobre a realidade, residem as competências dos receptores, que correlacionam, criam, mudam e confrontam os sentidos existentes nas vivências dos sujeitos e nos significados oferecidos pelos textos.

Na pesquisa de doutorado que origina este artigo, os ouvintes foram reunidos em três diferentes grupos com as seguintes versões sobre as emissoras: “Outra informação, outra cultura”, “Outro mundo possível” e “Autonomia é vida”. A primeira reflete os sentidos dos ouvintes que escutam as emissoras porque possuem informações ou expressões artísticas culturais alternativas. São ouvintes que não aderem ao zapatismo, mas possuem uma visão crítica dos meios de comunicação massivos. Já o segundo grupo reúne ouvintes aderentes ao zapatismo, mas que vivem na cidade, ou seja, fora de condições de uma autonomia mais completa. Os demais ouvintes vivem em comunidades autogestionadas, autodispostas e autodeterminadas na zona rural, aderentes ao zapatismo. Neste artigo, por limitações de espaço, apresento somente os sentidos culturais de dois ouvintes do primeiro grupo, que melhor representam a aplicação desta proposta teórica de Galindo Cáceres.

Dos 18 ouvintes entrevistados, seis estão agrupados no sentido “Outra informação, outra cultura”. Eles vivem na cidade e possuem alguma memória que os motiva escutar uma rádio livre mesmo que não sejam aderentes, nem militem em movimentos zapatistas. Ainda que em diferentes intensidades, eles nos revelaram informações sobre seu passado, presente e expectativas para o futuro que nos permitiram criar versões sobre os sentidos possíveis de suas escutas. As diferenças de profundidade nas informações pessoais fornecidas pelos entrevistados

foram causadas pelos diversos níveis de desenvoltura de cada um. Não os forcei a falar sobre assuntos que notei constrangedores e que evitaram tratar.

O fotógrafo Victor vem da cidade de Comitán de Domínguez, município distante 92 km de San Cristóbal de Las Casas, que possui uma população de 141 mil habitantes, segundo o censo de 2010 do Instituto Nacional de Geografía y Estadística do México (INGE). Encontramo-nos acidentalmente num café de um amigo brasileiro no Centro Histórico. Já o estava procurando sem sucesso, através de e-mail, porque ele tinha respondido o questionário exploratório. Sem saber que era um ouvinte da *Frecuencia Libre* e um dos meus possíveis pesquisados, comprei duas fotografias suas. Começamos a conversar e descobrimos a coincidência. De pronto, ele se colocou a disposição para entrevista, que realizamos na cozinha do café que estava desativada e mais tranquila.

Suas recordações da escuta do meio remontam aos cinco anos de idade quando um tio era locutor numa emissora comiteca¹⁰ e durante as férias o levava ao estúdio para acompanhar ao vivo seu programa. Para Victor, era o momento mais divertido da época. “Quando chegava as férias meu tio colocava um programa chamado Paulo Assassino. Eu era pequeno e tinha medo. E as vozes eram impressionantes”¹¹ Outra lembrança é a escuta do avô, ouvinte de um programa noturno que lia cartas.

A passagem de ouvinte para produtor de rádio não tardou. Ainda quando cursava o ensino médio, em 1998, participou de um programa radiofônico feito por um grupo de jovens que se organizavam para dar assistência social aos mais carentes, através de campanhas de doação e atividades culturais. A presença do rádio em sua vida foi decisiva para a escolha sua carreira. Victor se formou em Comunicação e durante o curso realizou estágio numa emissora comercial, seguindo sua carreira profissional numa estação estatal, onde sofreu com as restrições editoriais contra as críticas, principalmente, aos grupos que estavam no comando político do município, estado e país. A situação forçou sua saída da emissora. Apesar de continuar fazendo produções de vinhetas e spots num estúdio caseiro para rádios da Região da Fronteira e da Guatemala, pouco tempo depois, a frustração com a rádio estatal o motivou a mudar sua atuação para a fotografia e seu domicílio para San Cristóbal de Las Casas.

No entanto, na nova cidade, Victor não demorou para ter um novo encontro com o rádio. Em 2009, quando trabalhava num restaurante enquanto buscava viabilizar o projeto de montar uma galeria de arte, ele encontrou, zapeando o dial durante as solitárias folgas dos sábados, a *Frecuencia Libre*. “Me chamaram a atenção as músicas que colocavam, porque não eram tão convencionais, tão populares”¹². Com o passar do tempo, a escuta lhe revelou uma emissora livre das restrições editoriais que lhe fizeram sair do rádio. “A *Frecuencia Libre* é crítica, é livre. Se escutas outra estação de rádio, é assim: são católicos, são evangélicos, são comerciais”¹³. Juntando o apreço pela liberdade de expressão com o interesse pela arte, o “Debate Cultural” se tornou seu programa preferido por defender “a liberdade de se manifestar,

[10] Nascido em Comitán de Domínguez

[11] Entrevista com Victor (nome fictício), em 22 de julho de 2014, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

[12] Idem.

[13] Ibidem.

desde sua crítica, desde seu ponto de vista, desde os parâmetros locais”¹⁴. Sua única queixa contra a estação é o baixo alcance. “Só pega em algumas quadras do centro da cidade”.¹⁵

A liberdade de expressão é claramente o sentido que conecta a escuta de Victor com seu passado, presente e futuro. Ouvir a *Frecuencia Libre*, para ele, é como uma espécie de revanche contra as restrições e a censura que o fizeram abandonar o rádio. Possibilita imaginar como o rádio seria se não houvesse restrições editoriais. As críticas que não podiam ser ditas na emissora estatal onde trabalhou, ele escuta frequentemente na rádio livre. É também uma forma de catarse, ou seja, um alívio do estresse causado pelo controle estatal, empresarial ou religioso ao qual quase todas as estações da região estão submetidas. Além do mais, é uma esperança. Ele crê que uma rádio livre contribui para a pluralidade social, pois “sem liberdade de expressão, não há democracia”¹⁶. Sua conexão com o rádio, influenciada desde criança por seu tio, ampliada pela escuta do avô e pela atuação em grupos de jovens, tornou ainda o meio sua principal companhia quando acabara de chegar num lugar desconhecido e solitário.

Assim como Victor, Artur é fotógrafo, trabalhando atualmente como câmera e editor de vídeo numa universidade, e vem de outro município vizinho, Tenejapa, que possui 41 mil habitantes, segundo o censo do INGE de 2010, estando a 28 km de San Cristóbal de Las Casas. Marcamos de nos encontrar em seu trabalho. Iniciamos a entrevista em sua sala, uma ilha de edição, onde várias outras pessoas trabalhavam. O

que me fez sentir a inadequação do local, convidando, por isso, a irmos a outro lugar. Entrevistei-o então numa mesa ao ar livre da cantina da universidade. No horário, o local estava muito tranquilo com pouquíssimas pessoas sendo atendidas ou transitando.

Artur revelou que a memória de sua comunidade foi a principal motivação para ouvir a *Frecuencia Libre*. Seus pais e avôs lhe contavam sobre um passado mais próspero e justo, quando Tenejapa era autônoma, nas décadas de 50 e 60, possuindo seu próprio sistema político, jurídico e legal. “Gosto muito da vida em autonomia, porque tem muita liberdade até certo ponto de exercer certas coisas e também há um coletivismo, uma coletividade para muitas atividades, inclusive econômicas”¹⁷. Assim, quando em 2005 chegou a San Cristóbal de Las Casas para buscar oportunidades profissionais que lhe faltavam em sua cidade natal, começou a procurar emissoras para escutar e se identificou com a *Frecuencia Libre*, devido à independência de seu conteúdo e de sua gestão. A estação passa desde então a alimentar no cotidiano as lembranças do passado imaginado.

(...) é uma maneira como me conecto ao passado. Se eu não o vivi diretamente, viveram meus avôs, meus papais e eu fiquei com a recordação, a memória, ou seja, tento imaginá-lo como uma coisa muito perfeita. Mas de algum modo, inconsciente, talvez, uma conexão profunda com minhas lembranças tenha enfocado meu interesse até a Rádio *Frecuencia Libre*. Todas as coisas que tem que ver com autonomia e autosuficiência me chamam a atenção, é muito familiar para mim, por isso, me perfilo neste lado.¹⁸

[14] Ibidem.

[15] Ibidem.

[16] Ibidem.

[17] Entrevista com Artur (nome fictício), em 17 de julho de 2014, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

[18] Idem.

Além da conexão com as memórias imaginadas, a escuta da estação lhe cultiva a expectativa de que, no futuro, sua terra seja novamente autônoma. “Meu sonho ou minha esperança seria que Tenejapa voltasse a ser um município autônomo que foi antes e que eu pudesse participar desta comunidade”. O sentimento de autonomia possibilitado pela escuta da emissora sublima assim a frustração de uma forçada migração pela situação de injustiça e pobreza à qual hoje sua cidade está submetida. Ele alimenta assim, ouvindo a *Frecuencia Libre*, um imaginário de transformações que criem lá condições para seu regresso ou que cogite a possibilidade de nunca ter deixado de ser autônoma e ele ter necessitado sair de lá.

O programa preferido de Artur é o Debate Cultural porque faz um resumo de tudo o que ocorreu em San Cristóbal. Ele também gosta do programa “La Hora Sexta”, espaço zapatista na programação da emissora. Para ele, o movimento resgata a autonomia que sua comunidade e outros municípios indígenas tiveram no passado. Entretanto, ele não participa de coletivos zapatistas, nem gostaria que sua comunidade aderisse ao movimento, porque a autonomia de Tenejapa tem outra origem histórica enraizada na organização local.

A alteridade do conteúdo informativo e artístico da *Frecuencia Libre* marca o sentido da escuta destes ouvintes. A crítica e a liberdade de expressão são os principais valores que conectam este grupo à emissora. Há, desta maneira, uma estreita relação da competência dos receptores, encontrada nestes sentidos culturais, com a matriz cultural racional-iluminista da rádio

que, através de seus endereçamentos questionadores, irônicos, subversivos e críticos apresenta um conteúdo alternativo às emissoras comerciais. Por conseguinte, a estação atende uma demanda dos ouvintes que precede a escuta. Os receptores entrevistados, vindos de outras cidades ou países, marcados por experiências relacionadas a movimentos políticos, estudantis ou culturais se apropriam da *Frecuencia Libre* por encontrarem em sua programação semelhanças com suas vivências. Há uma clara relação de suas escutas com um passado perdido, descontinuado, mas não esquecido. Assim, a emissora colabora ainda para, no cotidiano, alimentar suas expectativas de mudanças e transformações sociais, mesmo que tão somente imaginadas e quase inalcançáveis.

Há outras duas características que reúnem estes ouvintes. Primeiro, todos possuem formação superior na área de humanidades ou trabalham diretamente com a academia. Relacionam-se assim com a mesma matriz cultural predominante na *Frecuencia Libre*. Segundo, neste grupo de ouvintes, não encontrei uma identificação da estação como uma rádio zapatista, mesmo que a programação constantemente apresente programas, músicas ou informações deste movimento. Exceto Artur, os demais ouvintes não têm uma relação direta com as lutas sociais de autonomia dos povos originários. Por isso, atenuam os endereçamentos zapatistas veiculados na emissora, acentuando, por sua vez, seu caráter independente, crítico e contestatório. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação das rádios zapatistas revela como a proposta teórico metodológica de Martín-Barbero se adéqua a esta investigação, não só por ser um saber local, sem bairrismo nem isolacionismo, mas por estar aberta para receber os vários métodos e leituras que possibilitem a compreensão do campo. Mesmo que com clara inspiração nas contradições regionais, ele nos mostra como o conhecimento está inevitavelmente articulado com contribuições de todas as partes, como as de Ricouer, Sunkel, Certeau, Benjamin, Williams... A proposta de perder o objeto para encontrar o caminho deslocando o estudo dos meios para as práticas culturais, sem no entanto, esquecer os primeiros, possibilitam reconhecer não só toda a riqueza do universo cultural que estão inseridos, mas compreender seu papel. No caso das rádios zapatistas, a apropriação pelo imaginário dos ouvintes, articulando memória e vivências, é claramente a principal contribuição para autonomia.

No entanto, não deixei de encontrar uma lacuna na proposta do filósofo hispano-colombiano: por que o autor que busca compreender a comunicação além dos meios utiliza os operadores conceituais, das lógicas de produção do mercado e dos formatos industriais, que reduzem a miradada quase somente meios massivos comerciais? Então enfrentei outro dilema: como utilizar esses conceitos numa pesquisa sobre rádios livres e comunitárias, excluídas do mercado, da legalidade estatal e com uma programação diferente das emissoras comerciais? Compreendendo que os conceitos não são estanques. Nós os modificamos e atualizamos a partir de nossas vivências

em campo, tive a segurança em mudar as lógicas de produção do mercado para as de resistência e os formatos industriais para formatos dos meios a fim de dar conta do voluntariado, da cooperação e de outros padrões (ou até mesmo a ausência destes) na programação radiofônica zapatista. Creio que é uma contribuição desta pesquisa para que a metodologia dos usos sociais possa melhor acolher objetos como meios comunitários, livres e alternativos. ■

[ISMAR CAPISTRANO COSTA FILHO]

Jornalista e professor universitário. Fez graduação na UFC onde atualmente leciona. Milita pela democratização da comunicação, tendo participado da fundação de rádios comunitárias, da organização da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço) e da Conferência Nacional de Comunicação. Pesquisou, no mestrado no PPGCOM da UFPE, as mediações sonoras da Rádio Favela pela Internet e, no doutorado no PPGCOM da UFMG, os usos sociais das rádios zapatistas no México, onde realizou intercâmbio doutoral no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (Ciesas).

[ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES]

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio pós-doutoral junto ao Groupe de Recherche sur les Enejeux de la Communication, da Université Stendhal. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Organizou e traduziu os textos que integram a obra *A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas* (Autêntica, 2009). É co-organizadora, junto com a profa. Heloiza Matos (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), do livro *Comunicação e política: capital social, reconhecimento e deliberação pública* (Summus, 2011). Recentemente publicou a obra *Mídia, Ética e Esfera Pública*, em co-autoria com Luis Mauro Sá Martino (Faculdade Cásper Líbero, SP). Estuda questões ligadas à deliberação pública, participação cívica de atores subalternos, formação de esferas públicas políticas, com destaque para políticas públicas e cidadania, reconhecimento social e processos deliberativos online.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conselho errante. In: Revista Intexto v. 2n n. 13. Porto Alegre: UFRG, 2005.

AMARC (Asociación Mundial de Radios Comunitarias en México). Radios comunitarias en contextos de conflicto. Ciudad de México: Púrpura, 2008.

BARROS; Antonio Teixeira; BERNARDES, Cristiane Brum. Matrizes culturais dos gêneros televisivos latino-americanos e as emissoras legislativas: análise sobre a TV Câmara (Brasil). In: Vivência n. 38. Natal: UFRN, 2011.

BARROS, Carla. Games e redes sociais em lan houses populares: um olhar antropológico sobre coletivos e sociabilidade no “clube social”. In: Internext, v. 3, n. 2. São Paulo. ESPM, 2008.

BÁRCENAS, Franciso L. Las autonomias indígenas en América Latina. In CECEÑA, Ana et al. Pensar las autonomías. Cidade do México: Sísifo ediciones, 2011.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERKIN, Corona. De los médios a los sujetos. Uma trayectoria para abordar la comunicación desde los actores. In OROZCO, Guillermo. Lo viejo y lo nuevo: investigar la comunicación en siglo XXI. Madrid: Ediciones de La Torre, 2000.

CASANOVA, Pablo. Los zapatistas del siglo XXI. In: Revista convergencia, n. 13. Cidade do México: UNAM, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. Uma sociedade à deriva. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

CECEÑA, Ana et al. Pensar las autonomías. Cidade do México: Sísifoediciones, 2011.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. Usos sociais das rádios zapatistas: o mapa nortuno da autonomia nas mediações comunicativas da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

DER HAAR, Gemma. El movimiento zapatista de Chiapas: dimensiones de su lucha. Amsterdã: LabourAgain. IISH, 2005.

DOWNING, J. Mídia Radical: rebeldias nas comunicações e nos movimentos sociais. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

DRUETTA, Délia. Repensar la apropiación desde la cultura digital In: MORALES, Susana; LOYOLA, María Inés. Nuevas perspectivas en los estudios de comunicación. La apropiación tecno-mediática. Buenos Aires: Imago Mundi, 2013.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamentos: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GALINDO CÁCERES, Luis Jesús. Sabor a ti: metodologia cualitativa en la investigación social. Xalapa: Universidad Veracruziana. 1997.

GOMES, Itânia. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo: Compós, 2007.

HAWTORN, Geoffrey. Mundos plausible, mundos alternativos. UK: Cambridge University Press, 1995.

HARTLEY, John. Los usos de la televisión. Barcelona: Paidós, 2000.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda (org). Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JONH, Valkíria. Mundos possíveis e telenovela: memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas. Porto Alegre: UFRS, 2014. (Tese de doutorado)

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y estrategia socialista. Buenos Aires. FCE, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MARQUES, Ângela; ROCHA, Simone. A interseção do processo comunicativo: o diálogo entre produção e recepção. In JACKS, Nilda; SOUZA, Jacob. Mídia e Recepção: televisão, cinema e publicidade. Salvador: Edufba, 2006.

MARQUES DE MELO, José. Indústrias culturais, jornalismo e jornalistas. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação volume 14, número 65. São Paulo. Intercom, 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

----- . Ofício de cartógrafo. São Paulo: Loyola, 2004.

MORLEY, David & BRUNSDON, Charlott. TheNationwideTelevisionStudies. London: Routledge, 1999.

MOUFFE, Chantal. O Regresso do Político. Lisboa: Gradiva, 1990.

NATANSCHN, Graciela. O contrato de leitura: uma metodologia para analisar a produção e recepção de TV. In JACKS, Nilda; SOUZA, Jacob. Mídia e Recepção: televisão, cinema e publicidade. Salvador: Edufba, 2006.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

OLIVEIRA, Catarina Farias de. Escuta Sonora. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

----- . Comunicação, recepção e memória no Movimento Sem Terra: etnografia no assentamento Itapuí/RS. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ONG, Walter J. Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.

OROZCO GOMES, Guillermo. Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.

PAIVA, Raquel. O retorno da comunidade: o novo caminho do social. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.

PESSOA JR, Histórias contafactuais: o surgimento da Física Quântica. In: Revista de Estudos Avançados v. 14, n. 39. São Paulo, 2000.

PERUZZO, Cícilia. Comunicação nos movimentos populares. Petrópolis: Vozes, 2004.

RONSINI, Veneza V. M. A crença no Mérito e a Desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RUIZ, Enrique. Industrias culturales y globalización. Um enfoque histórico estructural. In OROZCO, Guillermo. Lo viejo y lo nuevo: investigar la comunicación en siglo XXI. Madrid: Ediciones de La Torre, 2000.

SUNKEL, Guillermo. La representación del pueblo en los diarios de masas. In: Diálogos de la Comunicación, n. 17. Lima, 1987.